

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação

O PATRIMÔNIO CULTURAL INDÍGENA TENETEHARA NA BIBLIOTECA PÚBLICA BENEDITO LEITE: A MEDIAÇÃO CULTURAL E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA EXPOSIÇÃO "CULTURA INDÍGENA: UM OLHAR E VÁRIAS LEITURAS"

THE TENETEHARA INDIGENOUS CULTURAL HERITAGE AT THE BENEDITO LEITE PUBLIC LIBRARY: CULTURAL MEDIATION AND HERITAGE EDUCATION IN THE EXHIBITION "INDIGENOUS CULTURE: A LOOK AND SEVERAL READINGS"

Maurício José Morais Costa – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Maria Cleide Rodrigues Bernardino – Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este estudo qualitativo analisa a exposição “Cultura Indígena: um olhar e várias leituras”, realizada na Biblioteca Pública Benedito Leite (MA), como prática de mediação cultural e educação patrimonial vinculada à cultura Tenetehara. A pesquisa baseou-se em observação direta e entrevista com a mediadora, mediante análise temática. Os resultados evidenciam a relevância da mediação para a valorização do patrimônio indígena, ao promover o diálogo intercultural e sensibilização do público, posicionando a biblioteca como espaço de legitimação de saberes ancestrais e de construção de uma memória social mais plural.

Palavras-chave: mediação cultural; patrimônio indígena Tenetehara; educação patrimonial em bibliotecas públicas; festa do Moqueado; Biblioteca Pública Benedito Leite.

Abstract: This qualitative study analyzes the exhibition "Indigenous Culture: a look and several readings", held at the Benedito Leite Public Library (MA), as a practice of cultural mediation and heritage education linked to the Tenetehara culture. The research was based on direct observation and interview with the mediator, through thematic analysis. The results show the relevance of mediation for the valorization of indigenous heritage, by promoting intercultural dialogue and public awareness, positioning the library as a space for legitimizing ancestral knowledge and building a more plural social memory.

Keywords: cultural mediation; Tenetehara indigenous heritage; heritage education in public libraries; Moqueado festival; Benedito Leite Public Library.

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas públicas, além de promover leitura e acesso à informação, ampliam seu papel na valorização da diversidade cultural e preservação da memória social. Como espaços plurais, fomentam ações educativas que articulam conhecimento, identidade e pertencimento. Ao assumir a mediação cultural, tornam-se pontos de encontro entre saberes

e promovem cidadania crítica. A Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL) destaca-se por exposições sobre cultura indígena, ampliando sentidos de leitura e patrimônio no contexto urbano. A educação patrimonial reconhece rituais e modos de vida como heranças legítimas. Exemplo é a festa do Moqueado, dos Tenetehara, que reafirma saberes ancestrais e o patrimônio indígena como parte da memória nacional.

Ao ser exibida em contextos urbanos, como na BPBL, a exposição 'Cultura Indígena: um olhar e várias leituras' assume novos significados por meio da mediação cultural. Para tanto, o presente estudo tem por objetivo geral analisar a exposição 'Cultura Indígena: um olhar e várias leituras', realizada na Biblioteca Pública Benedito Leite, enquanto prática de educação patrimonial e mediação cultural e suas contribuições para a valorização da cultura e patrimônio indígena Tenetehara do Maranhão.

O estudo, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, investigou práticas de mediação cultural e educação patrimonial na exposição Cultura Indígena: um olhar e várias leituras, realizada na BPBL. A coleta de dados envolveu observação direta da mostra, com registro em diário de campo, priorizando interações da mediadora com o público e elementos simbólicos da curadoria, e entrevista semiestruturada com a profissional responsável pela mediação. A análise dos dados seguiu a abordagem temática de Braun e Clarke (2006), identificando e organizando categorias interpretativas.

2 PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E SUAS INTERFACES EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS

O patrimônio cultural é um campo dinâmico de construção identitária, onde elementos materiais e imateriais se ressignificam continuamente. Hoje, essa relação enfrenta a mercantilização. Rodríguez Temiño (2010) amplia o conceito ao incluir bens e manifestações imateriais – tradições, saberes, práticas e aspectos linguísticos – superando a noção restrita de patrimônio histórico. Envolvendo expressões, criações e símbolos que definem comunidades, preserva vestígios do passado, fortalece memória e laços sociais, promovendo pertencimento e permitindo que a população reconheça e se aproprie de sua história (Costa, 2020).

Para Souza (2019), o patrimônio imaterial é fonte de diversidade cultural e conexão entre pessoas, ao mesmo tempo, em que reforça a necessidade de conscientizar as novas gerações sobre sua preservação. Como construção social, o acesso aos bens culturais não é automático, mas condicionado por processos que se ampliam com o desenvolvimento da formação crítica da população, possibilitando maior apropriação e valorização desses bens.

Bibliotecas, arquivos e museus enfrentam o desafio de gerir acervos cada vez mais diversos, exigindo profissionais qualificados e práticas que valorizem a pluralidade cultural (Costa, 2020). As bibliotecas públicas, pela função social e educativa, têm papel central ao desenvolver estratégias internas e externas que tornem seus espaços inclusivos e representativos. Isso requer reconhecer as múltiplas realidades culturais e valorizar diferentes formas de expressão e saberes. Ao promover práticas alinhadas à diversidade, contribuem para democratizar o acesso à cultura e à informação, ampliando seu alcance e relevância social (Costa; Cutrim, 2021).

A educação patrimonial promove o conhecimento da própria história e da de outros povos por meio de diferentes formas de patrimônio, material, imaterial, arquitetônico, arqueológico, artístico e religioso. Essa conexão fortalece identidades e contribui para a reconstrução do passado. Além disso, valoriza as comunidades como protagonistas e guardiãs de seus patrimônios, incentivando uma apropriação crítica e consciente dos bens culturais do território (Costa, 2020; Florêncio *et al.*, 2014), à medida que os sujeitos passam “[...] a considerar seus lugares, seus objetos e monumentos como sua própria construção cultural” (Scheid; Matos; Carmo, 2024, p. 3).

A Educação Patrimonial, portanto, promove a valorização cultural, incentivando o engajamento e a construção de identidades em torno do patrimônio. Por meio de práticas educativas formais e informais, busca-se a apropriação dos bens materiais e imateriais em espaços como bibliotecas públicas. Destaca-se a BPBL, que preserva e difunde o patrimônio maranhense por meio de seu acervo, exposições e ações culturais, ao promover o diálogo entre agentes culturais e comunidades, consolidando-se como espaço educativo e de memória (Costa, 2020; Costa; Cutrim, 2021).

3 MEDIAÇÃO CULTURAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

O patrimônio cultural indígena compreende um conjunto de bens materiais e imateriais que representam a identidade, a memória e os modos de vida de diferentes povos originários. Esses bens incluem tanto objetos físicos, como artefatos, construções e registros arqueológicos, quanto expressões simbólicas, como línguas, rituais, saberes tradicionais, crenças e práticas cotidianas. Esse patrimônio é ricamente representado por elementos como a língua própria, os costumes, as crenças animistas, os conhecimentos medicinais e alimentares, bem como pela forte relação com o território. Esse patrimônio, reconhecido

como parte do patrimônio cultural nacional e da humanidade, reflete a profunda ligação com o território e fortalece a autonomia e o protagonismo indígena (Trindade; Oliveira, 2024).

As bibliotecas são espaços essenciais para preservar e valorizar saberes tradicionais indígenas, atuando como centros de memória e identidade cultural. Suas ações podem garantir acesso a informações sobre conhecimentos ancestrais e favorecer o diálogo entre ciência moderna e epistemologias indígenas (Fonseca; Cavalcante; Zaninelli, 2022), promovendo representatividade e respeito diante do desconhecimento sobre suas sociabilidades e cosmovisões. A mediação é central nesse processo, aproximando indivíduos do patrimônio cultural indígena e fortalecendo seu protagonismo. Ao integrar essas narrativas, avança-se para um paradigma intercultural (Cardona, 2020, tradução nossa), no qual diferentes formas de conhecimento coexistem, transformando práticas de organização e acesso à informação e tornando a mediação cultural verdadeiramente inclusiva (Fonseca; Cavalcante; Zaninelli, 2022).

Concorda-se com o entendimento sobre mediação cultural defendida por Lipinski e Cavalcante (2022, p. 5), a qual se trata de “[...] uma atividade que atua, por meio do mediador cultural, de modo subjetivo, para a apropriação da informação pelo indivíduo com vistas a sua transformação, dado que essa relação de conhecimento pode promover autonomia intelectual”. Nessa asserção, depreende-se que a mediação cultural é um fenômeno dinâmico e multifacetado, resultante das interações entre aspectos sociais, culturais, artísticos e informacionais. Quando articulada por meio de atividades planejadas, essa mediação pode gerar novos sentidos para a realidade, ampliando a compreensão e valorização das expressões culturais nas experiências individuais e coletivas (Rasteli, 2021).

A mediação cultural vai além da transmissão de conteúdos: é ação educativa e política voltada à visibilidade, autonomia e reconhecimento das identidades indígenas. Favorece a circulação de saberes tradicionais e a construção de memória coletiva diversa, enfrentando desigualdades e afirmando a diversidade como valor social (Fonseca; Cavalcante; Zaninelli, 2022). Bibliotecas que adotam essa perspectiva preservam o patrimônio indígena e tornam-se espaços de resistência e articulação de saberes, gerando impactos significativos no reconhecimento e valorização das culturas originárias.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Este estudo se insere no campo da pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, voltado à compreensão das práticas de mediação cultural e educação patrimonial em uma exposição realizada na BPBL, em São Luís, Maranhão (MA). O objeto empírico é a exposição 'Cultura Indígena: um olhar e várias leituras', organizada em alusão ao Dia dos Povos Indígenas, em parceria com o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho e a Casa de Nhozinho, ambas localizadas na capital ludovicense (Freitas, 2022; Silva, 2020; Silva, 2018).

A coleta de dados envolveu dois procedimentos. O primeiro foi a observação direta da exposição, com atenção especial às interações entre a mediadora com o público, bem como a sensibilização dos elementos simbólicos e informacionais da curadoria. Optou-se, neste estudo, por não realizar a coleta de dados com os visitantes, considerando-se que a faixa etária do público e o fato de a visita integrar uma programação facilitada pela BPBL tornaram inviável, nesta etapa, a produção de dados com os espectadores. A observação foi registrada em diário de campo entre o mês de abril e maio de 2025, com ênfase nas estratégias de mediação utilizadas, nas reações dos visitantes e na ambientação geral da exposição.

O segundo foi a entrevista semiestruturada com a profissional responsável pela mediação cultural da mostra. A entrevista, realizada em maio de 2025, buscou capturar a concepção de mediação cultural, patrimônio e educação patrimonial mobilizada pela mediadora, bem como os objetivos educativos da iniciativa no contexto da BPBL. Para a análise dos dados, adotou-se a análise temática conforme proposta por Braun e Clarke (2006), que consiste em um método flexível e acessível para identificar, analisar e relatar padrões (temas) nos dados qualitativos, cujas categorias estão sistematizadas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Categorias temáticas de análise

Categoria temática	Objetivo
Mediação cultural e sentidos atribuídos à exposição	Visão da mediadora sobre a exposição como mediação cultural e os significados atribuídos à curadoria, imagens e símbolos, incluindo a festa do Moqueado.
Estratégias de mediação e sensibilização do público	Estratégias para engajar o público, uso de recursos visuais, narrativos e comparativos, e desafios com perfis variados de visitantes.
A biblioteca pública como espaço de EP	Percepção da Biblioteca Benedito Leite como espaço legítimo para valorizar o patrimônio indígena e democratizar a cultura.
Cultura indígena como patrimônio cultural	O reconhecimento da festa do Moqueado como patrimônio imaterial, tensões entre visões indígenas e do público, valorização simbólica e o papel da mediação nesse processo.

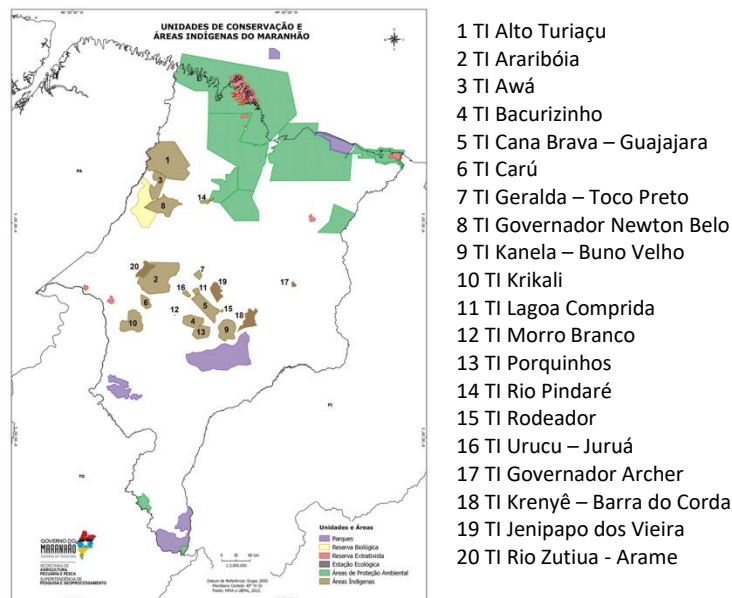
Fonte: Elaborado pelas autorias (2025).

As categorias emergentes foram interpretadas à luz do referencial teórico, estabelecendo articulações entre as práticas empíricas e os conceitos de educação patrimonial e mediação cultural.

5 O PATRIMÔNIO CULTURAL INDÍGENA NA BIBLIOTECA PÚBLICA BENEDITO LEITE

O Maranhão é um estado marcado pela confluência de diversas manifestações e expressões culturais. Sua formação sócio-histórica é resultado da presença de diferentes povos, principalmente africanos, afro-brasileiros e indígenas. Esses grupos, contudo, foram historicamente silenciados, tendo suas culturas ignoradas ou tratadas de forma generalista e superficial pela sociedade dominante. Segundo Freitas (2022), os povos indígenas do Maranhão são representados por nove etnias distintas: Guajá, Guajajara Tenetehara, Urubú-Kaapor, Apanyekrá, Rankokamekrá, Kreyné, Krikati, Pukobyê e Krahô Kanela. De acordo com Silva (2018), os Tenetehara constituem uma das etnias indígenas mais numerosas do país. Atualmente, vivem no estado do Maranhão, distribuídos em mais de onze Terras Indígenas, pertencendo à família Tupi-Guarani do Tronco Tupi. O contato desse povo com os não indígenas remonta há mais de três séculos. Na Figura 1, pode-se observar os territórios indígenas no Maranhão:

Figura 1 – Mapa de Territórios Indígenas no Maranhão



Fonte: Governo do Maranhão (2025).

Segundo dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), no Maranhão contabilizam-se 57.166 indígenas, representando 0,84% da população total do estado. Mais de 72% dessa população reside em terras indígenas oficialmente reconhecidas, distribuídas em 20 territórios que abrigam nove etnias distintas, predominantemente associadas às famílias linguísticas Tupi-Guarani e Macro-Jê. O estado

ocupa a terceira posição no Nordeste em número de indígenas, destacando-se a Terra Indígena Cana Brava/Guajajara como a mais populosa, com mais de 10 mil habitantes. Os povos indígenas do Maranhão enfrentam conflitos intensos relacionados à disputa por terras, impulsionados pela expansão do agronegócio, concentração fundiária e políticas estatais que frequentemente favorecem interesses econômicos sobre direitos indígenas. A luta pela demarcação e defesa dos territórios é central, mas marcada por violência, exclusão e resistência ativa das comunidades, como evidenciado nos casos dos Akroá-Gamella e Tenetehara (Costa *et al.*, 2020). Apesar da existência de políticas de demarcação e proteção, há uma dissonância entre o discurso legal e a prática: a autonomia indígena é limitada por mecanismos de controle estatal e interesses do capital, inclusive com autorizações para exploração mineral sem consulta prévia adequada. A implementação de políticas públicas, como saúde e saneamento, apresenta avanços pontuais, mas ainda carece de investimentos estruturais e respeito à diversidade cultural (Santos Júnior, 2020).

A exposição 'Cultura Indígena: um olhar e várias leituras' foi instalada nas dependências da BPBL e, desde então, tem recebido um fluxo constante de visitantes, tanto que passou a integrar o roteiro das visitas guiadas da instituição, servindo como instrumento de mediação cultural, conforme pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 - Registros da exposição no salão de referência da BPBL



Fonte: Costa (2025).

Curada por Sebastião Cardoso, a mostra reuniu fotografias da Biblioteca Roldão Lima, imagens do fotógrafo Márcio Vasconcelos, artefatos da Casa de Nhozinho e obras pertencentes à própria BPBL. O destaque foram oito fotografias em preto e branco, medindo 1 metro por 63 centímetros, que registram a tradicional Festa do Moqueado. Além disso, doze peças da Casa de Nhozinho integraram a exposição, ampliando o olhar sobre as expressões culturais dos povos indígenas do Maranhão (Maranhão, 2025).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Ao levar a exposição para a biblioteca, fortalecem-se os vínculos entre instituições culturais e reafirma-se o papel das bibliotecas públicas como mediadoras culturais, promovendo práticas interculturais e o reconhecimento das identidades do povo maranhense, também de raízes indígenas (Fonseca; Cavalcante; Zaninelli, 2022; Rasteli, 2021). A ‘Festa do Moqueado’ ou ‘Festa da Menina-moça’ é um ritual Tenetehara que marca a transição da adolescência para a vida adulta feminina. Segundo Silva (2018), simboliza a entrada das jovens na vida social, iniciada na infância e celebrada por toda a comunidade.

A cerimônia descrita por Silva (2018) e Freitas (2022) ocorre em três etapas. A primeira inicia com a menarca: as meninas são pintadas com jenipapo por pais e avós e isoladas em uma “tocaia” por cerca de cinco dias, com alimentação restrita e contato apenas com a família. Ao final, saem à meia-noite, correm para um banho ritual com folhas de mandioca e são simbolicamente perseguidas por um cachorro, encerrando com a “Festa da Mandioca”. A segunda etapa é a “Caçada”, quando meninos e meninas vão à mata: os homens caçam e as meninas auxiliam na preparação dos alimentos. A terceira é a “Festa do Moqueado”, com danças, cantos e partilha da caça, reunindo várias aldeias e marcando a transição para a vida adulta. Após o rito, muitas meninas se casam; os meninos continuam seu preparo para responsabilidades comunitárias como caça, pesca e cultivo.

A “Festa do Moqueado” tem registrado menor adesão, influenciada pela perda de interesse de algumas famílias e pela atuação de religiões, como o evangelismo, que desestimulam práticas rituais. Ainda assim, é comum que meninas cheguem ao rito com marido já designado, evidenciando seu papel social na estrutura comunitária. Apesar de quase quatro séculos de contato com a sociedade envolvente, o ritual permanece como símbolo de resistência e afirmação identitária. Em 2008, na Aldeia Lagoa Quieta, em Amarante (MA), doze meninas participaram, envolvendo toda a comunidade. Mais que rito individual, a celebração configurou um ato coletivo de reafirmação cultural diante das transformações sociais contemporâneas (Maranhão, 2025). A mediação cultural da informação promove, assim, o diálogo entre diferentes formas de conhecimento e práticas culturais. Possibilita que saberes tradicionais, como os envolvidos na ‘Festa do Moqueado’, sejam compreendidos, valorizados e compartilhados em esferas mais amplas, inclusive científicas, sem que percam sua singularidade (Bezerra; Cavalcante, 2020).

Os sentidos atribuídos à exposição revelam tanto o potencial educativo da mediação quanto os desafios enfrentados diante de resistências e estereótipos. Sua atuação revela uma

perspectiva sensível à importância da mediação enquanto ponte entre os elementos da cultura indígena e os visitantes. A exposição, para ela, não é somente um espaço expositivo, mas uma oportunidade educativa e simbólica de desconstrução de estereótipos e de valorização do patrimônio indígena, conforme extratos das entrevistas: “Quando mostra ali aquela parte da indígena que ela parece sem roupa [...] já escutei diversas coisas até assim. Queria ver o ‘índio’ passando por aqui. Eles pensam que os indígenas vão passar pelado por aqui. Alguns não gostam ou então não pode falar sobre a menstruação [...]”.

Ao adaptar sua fala e linguagem às especificidades do público, especialmente o infantil, ela constrói sentidos que associam práticas tradicionais indígenas, como a festa do Moqueado, a experiências culturais familiares ao público visitante, como a festa de 15 anos. A mediação é, assim, compreendida como um processo ativo de construção de significados, onde o conteúdo da exposição ganha vida por meio da interpretação e do diálogo. Diante disso, reforça-se a ideia de que a mediação cultural não é neutra ou meramente informativa, mas um exercício constante de negociação de sentidos e enfrentamento de barreiras culturais (Rasteli, 2021).

A mediadora utiliza comparações culturais, linguagem acessível e recursos visuais (vídeos e imagens em dispositivos móveis) para contextualizar práticas indígenas, como a “festa da menina moça” ou a “corrida de tora”, aproximando-as do cotidiano urbano. Essas estratégias favorecem a compreensão da cultura indígena, estimulando escuta ativa e sensível. A mediação busca despertar interesse e criar vínculos afetivos e cognitivos com os povos originários, mesmo diante de distanciamentos culturais. Na BPBL, a atuação da mediadora desperta curiosidade e promove reflexão crítica, mesmo quando o reconhecimento do patrimônio indígena não é imediato. A mediação cultural da informação vai além da transmissão de conteúdos, envolvendo a apropriação de símbolos e sentidos e permitindo a construção de significados a partir das referências culturais dos sujeitos, ampliando a compreensão intercultural da realidade (Bezerra; Cavalcante, 2020).

Assim, a BPBL consolida-se como espaço legítimo de mediação cultural do patrimônio indígena, ampliando sua função e valorizando a diversidade cultural e a educação patrimonial (Costa, 2020, 2021). A mediadora destaca que, por ser mais acessível e familiar ao público local, a biblioteca permite maior aproximação com as práticas culturais indígenas, em contraste com o distanciamento simbólico que muitas vezes envolve os museus, conforme pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 - Registros de ações de mediação cultural na exposição



Fonte: Costa (2025); BPBL (2025).

Para a mediadora, a mostra na biblioteca amplia a visibilidade das culturas indígenas e aproxima o público de práticas muitas vezes vistas como distantes. A biblioteca assume papel de mediação ampliada, articulando memória, educação patrimonial e valorização das identidades originárias. A mediação cultural atua como ferramenta formativa, facilitando o acesso à informação e estimulando reflexão crítica sobre dinâmicas socioculturais (Venâncio; Vilas-Bôas; Costa, 2021). Realizar a exposição em um espaço voltado à leitura rompe a ideia de que o patrimônio indígena se restringe a museus, legitimando-o, incentivando práticas interculturais e fortalecendo seu reconhecimento como parte da memória coletiva maranhense.

É fundamental incorporar práticas com dimensão social, popular e cultural às instituições, como ações de difusão cultural e assistência educativa, que aproximam o público dos acervos e promovem o acesso democrático ao patrimônio. Isso reforça a educação patrimonial como ferramenta de valorização da diversidade na construção identitária, tais como "Processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações [...]" (Florêncio *et al.*, 2014, p. 19).

As bibliotecas públicas ajudam a romper barreiras simbólicas associadas a instituições culturais, como a percepção de elitismo, restrição a especialistas ou cobrança, favorecendo o contato de diferentes públicos com o patrimônio indígena e seus saberes. A educação patrimonial, ao valorizar múltiplas expressões culturais, é essencial para sensibilizar sobre o patrimônio indígena.

Na exposição 'Cultura Indígena: um olhar e várias leituras', essa abordagem permite ao público, especialmente escolar, conhecer saberes historicamente invisibilizados, questionando estereótipos. A mediadora, ao relacionar o cotidiano com práticas indígenas como a Festa do Moqueado, estimula escuta sensível, empatia e respeito às diferenças,

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

reconhecendo as culturas indígenas como patrimônio nacional. Apresenta o ritual Tenetehara como patrimônio imaterial legítimo, enfatizando sua dimensão simbólica e formativa. Para aproximar o público, estabelece paralelos com práticas urbanas, como a festa de 15 anos, como afirma: “trazendo nossa cultura, a gente tem a nossa festa de 15 anos aqui, alguém já foi?”. Assim, reforça que o ritual é central à identidade étnica dos Tenetehara (Miranda; Borges, 2020). Sua estrutura cerimonial carrega significados profundos, sendo prática semiótica e discursiva essencial à organização social (Silva, 2020). Mediar esse conteúdo em espaços públicos torna-se ato de valorização e resistência cultural.

Entretanto, a mediação da festa do Moqueado encontra resistências por parte de alguns públicos, especialmente escolares e religiosos, que recusam o contato com elementos como a menstruação ou a nudez ritual, conforme a mediadora: “não querem a mediação dessa parte porque já não tá ligado com os costumes deles”. Essas reações indicam o quanto os valores coloniais ainda operam na invisibilização de práticas indígenas, dificultando seu reconhecimento como patrimônio. No entanto, como aponta Silva (2020), trata-se de um ritual estruturante das relações sociais Tenetehara, carregado de simbolismos que não se reduzem a práticas folclóricas, mas que organizam a própria identidade do grupo. Além disso, o ritual é um espaço de circulação e apropriação de saberes, constituindo um processo educativo fundamental para jovens indígenas (Miranda; Borges, 2020), reforçando a importância de sua mediação em espaços institucionais.

Afirma-se que, ao integrar os saberes indígenas aos espaços institucionais de aprendizagem, a mediação cultural ajuda a superar a invisibilidade histórica dessas práticas e amplia os modos de perceber e interpretar a realidade. Consoante Bezerra e Cavalcante (2020), ela favorece a construção de vínculos simbólicos baseados no respeito e na valorização da diferença. Nesse sentido, a mediação atua como um canal de resignificação do mundo, ao inserir os rituais ancestrais nos diálogos contemporâneos e afirmar sua legitimidade como expressão de uma pluralidade cultural e epistêmica que compõe a sociedade brasileira.

A formação da mediadora revela uma trajetória que combina prática cotidiana, escuta ativa e busca autônoma por conhecimento. Embora não possua especialização formal em culturas indígenas, ela demonstra forte comprometimento com a aprendizagem contínua e com a responsabilidade ética de representar saberes historicamente marginalizados. A mediadora afirma: “Acho que o mais difícil é realmente estudar e estudar para poder trazer informações que contribuam”, afirma, evidenciando um processo de autoformação que

ocorre em campo, por meio da mediação diária com o público. Esse processo pode ser compreendido como uma prática pedagógica situada, marcada pela relação dialógica entre mediadora, acervo e visitantes. Como destacam Sousa *et al.* (2023), o trabalho mediador transforma tanto o público quanto o próprio profissional, que se humaniza e se politiza ao atuar entre memória, identidade e cultura. Essa dimensão formativa também se alinha à proposta de Okawati e Karpinski (2024), que compreendem a mediação como prática intercultural comprometida com a justiça cognitiva e o reconhecimento de saberes plurais e ancestrais.

A mediadora também chama atenção para as limitações da exposição no que se refere à representação da cultura indígena em sua complexidade. Ela aponta ausências importantes, como a falta de maquetes e objetos que evidenciem o cotidiano dos povos indígenas, além dos rituais. Essa questão evidencia que as transformações necessárias extrapolam o âmbito das políticas culturais, exigindo ajustes mais profundos na própria estrutura institucional. Embora a participação das comunidades tradicionais por meio de processos consultivos e colaborativos já seja pauta consolidada e aplicada em diferentes instituições de memória, persiste o desafio de que essa participação se traduza em mudanças estruturais efetivas, capazes de reconfigurar práticas e dinâmicas de poder historicamente enraizadas. Essa lacuna compromete a compreensão mais ampla dos modos de vida, pois, segundo a mediadora, “falta mais essa parte para mostrar [...] que eles realmente são pessoas igual a gente”. A recepção limitada e o estranhamento por parte do público não indígena resultam de uma longa história de incompreensões e estereótipos coloniais que reduziram os povos indígenas a figuras folclorizadas e desprovidas de agência social (Miranda; Borges, 2020).

A incompletude do acervo evidencia a necessidade de maior diálogo com comunidades indígenas na curadoria, garantindo a representação de suas vozes nos processos de patrimonialização. Isso exige enfrentar o desafio de retratar culturas vivas de forma íntegra, evitando reduções a fragmentos que esvaziem sua complexidade. A Educação Patrimonial, como mediadora crítica entre narrativas históricas, desafia legados coloniais e valoriza saberes indígenas. Ao envolver essas comunidades nas decisões e reconhecer suas epistemologias, contribui para reparar injustiças históricas e construir novas formas de pertencimento e cidadania (Nicholas, 2021; Orlandi, 2022).

A educação patrimonial, aliada à mediação cultural, é essencial para a valorização do patrimônio indígena, especialmente em espaços acessíveis como bibliotecas públicas ou

museus. Historicamente, as instituições de memória apresentaram memórias indígenas de forma estereotipada, deslocadas no tempo e sem protagonismo. Contudo, Lima (2023) relata que é essencial que os próprios indígenas sejam capacitados a documentar e gerenciar suas culturas, criando uma memória autorreferente. Essa autonomia e a inclusão de indígenas como curadores são essenciais para combater preconceitos, desconstruir visões estereotipadas e assegurar narrativas autênticas, como bem ressaltado pela autora. Na BPBL, a exposição proporcionou aprendizado sensível e aproximação simbólica com a cultura Tenetehara, mesmo com resistências e limites curatoriais. A mediação evidenciou o potencial transformador da biblioteca ao promover escuta, diálogo e reconhecimento de saberes silenciados. Assim, a BPBL não somente abriga, mas legitima práticas indígenas, contribuindo para uma memória social mais inclusiva e plural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição ‘Cultura Indígena: um olhar e várias leituras’, realizada na BPBL, exemplifica uma prática relevante de mediação cultural voltada à valorização do patrimônio indígena Tenetehara. A mediação exercida pela profissional entrevistada não somente transmite informações, mas estimula reflexões, aproxima o público dos símbolos culturais indígenas e contribui para a construção de sentidos. Reconhece-se a exposição como prática educativa e comunicacional, articulando-se à festa do Moqueado e reafirmando seu valor como patrimônio imaterial. A Educação Patrimonial, ao adotar práticas decoloniais, participativas e críticas, é essencial para enfrentar assimetrias históricas e promover a valorização do patrimônio indígena, contribuindo para justiça social, reconhecimento e fortalecimento das identidades indígenas.

A mediação se mostrou uma prática educativa situada, que exige preparo, escuta ativa e flexibilidade. Apesar disso, surgiram resistências culturais e disputas simbólicas sobre o que é legitimado como patrimônio, revelando a persistência de estereótipos. Ainda assim, a mediação contribui para desconstruções e para um olhar mais respeitoso e plural sobre os povos indígenas. A BPBL demonstrou ser um espaço propício à educação patrimonial, por sua acessibilidade, cotidiano e pluralidade. A mediação cultural nesse contexto não se limita à comunicação de conteúdos, mas transforma relações e promove encontros entre saberes distintos. Reafirma-se, assim, o papel das bibliotecas públicas como espaços de reconstrução da memória social e fortalecimento de práticas interculturais comprometidas com a diversidade. Entretanto, também foram identificados desafios importantes: a representação

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

parcial das culturas indígenas, a ausência de vozes indígenas na curadoria e a resistência a temas sensíveis, como corpo e rituais de passagem.

Esses obstáculos apontam para a necessidade de políticas culturais que valorizem a escuta e o protagonismo indígena nos processos educativos e curatoriais. Ao mesmo tempo, reforçam o potencial transformador da mediação cultural e da educação patrimonial na disputa por narrativas e no reconhecimento de patrimônios historicamente silenciados. Como desdobramento para futuras pesquisas, propõe-se ampliar a escuta a outros agentes envolvidos, como curadores, visitantes e representantes indígenas, especialmente dos Tenetehara, para enriquecer o entendimento do processo de mediação e patrimonialização.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Arthur Coelho; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Mediação cultural da informação para o reencantamento do mundo. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 25, p. 1–19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72831>. Acesso em: 02 out. 2025.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 02 out. 2025.
- CARDONA, Natalia Duque. ¿Ciencia de la Información para qué y para quién? Aproximación a los paradigmas de la Ciencia de la Información en el contexto universitario. *In*: CARDONA, Natalia Duque; GARCÊS-DA-SILVA, Franciéle Carneiro. **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 45-71.
- COSTA, Maurício José Morais. **A educação patrimonial na Biblioteca Pública do Maranhão**: um estudo acerca dos serviços educativos da Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL). 2020. 178 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.
- COSTA, Maurício José Morais; CUTRIM, Kláutenys Dellene Guedes. Biblioteca Pública, memória e educação patrimonial: a atuação interdisciplinar do bibliotecário e do turismólogo nos serviços educativos da Biblioteca Pública Benedito Leite. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 26, n. 4, p. 65-91, dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/MqMYhbRzNbJHV35tRWVmFC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 03 out. 2025.
- COSTA, Thiago Ronyrisson Silva *et al.* Os conflitos agrários frente as novas dinâmicas territoriais no campo maranhense (1985–2018). **Revista Geonorte**, [S.l.], v. 11, n. 38, p. 243-257, 2020. Disponível em:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

<https://pdfs.semanticscholar.org/fdc8/f2ae7e3d38e938e6645b84b8773537e7f984.pdf>.
Acesso em: 03 out. 2025.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim *et al.* **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos.** Brasília: IPHAN, 2014. 65 p.

FONSECA, Diego Leonardo de Souza; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman; ZANINELLI, Thais Batista. O processo de mediação cultural e os saberes tradicionais: a biblioteca como espaço de preservação cultural dos povos indígenas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, p. 1-20, 2022. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1802>. Acesso em: 03 out. 2025.

FREITAS, Rita de Cássia Nogueira de. **A Festa do Moqueado: um rito de passagem e de reafirmação cultural do povo Guajajara-Tenetehara.** 2022. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) – Universidade Federal do Tocantins/Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, 2022.

GOVERNO DO MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. **Exposição sobre cultura indígena será aberta nesta quinta-feira, dia 24, na BPBL.** São Luís: SECMA, 2025. 2 p.

LIMA, Leilane Patricia de. Entre lembranças e esquecimentos: reflexões sobre a presença de memórias indígenas em museus de história local. **História Ambiental**, Chapecó, v. 36, n. 59, p. 241-253, out. 2023. Disponível em:
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/7731/4030>. Acesso em: 03 out. 2025.

LIPINSKI, Barbara; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Mediação cultural em centros culturais: Uma análise da exposição “Egito Antigo: do cotidiano à eternidade” do Centro Cultural Banco do Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, p. 1-16, 2022. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/1810/1367/>. Acesso em: 03 out. 2025.

MIRANDA, Júlia Cleide Teixeira de; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. O ritual da festa do Moqueado: educação, cultura e identidade na sociedade indígena Tembé-Tenetehara. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Tempe, v. 28, n. 152, 2020. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7773913>. Acesso em: 03 out. 2025.

NICHOLAS, George. Protecting Indigenous heritage objects, places, and values: challenges, responses, and responsibilities. **International Journal of Heritage Studies**, v. 28, n. 3, p. 400-422, 2021. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13527258.2021.2009539>. Acesso em: 03 out. 2025.

OKAWATI, Juliana Akemi Andrade; KARPINSKI, Cezar. Narrativas indígenas: um caminho decolonial para compreender a memória e informação. **Transinformação**, Campinas, SP, v. 36, e2410646, p. 1-14, 2024. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tinf/a/Xhd8Yhv8bQ7QjFFXwXrwPhs/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 03 out. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

ORLANDI, Francesco. Indigenous heritage and ontological conflicts in the Southcentral Andes. *Future Anterior: Journal of Historic Preservation History, Theory, and Criticism*, v. 19, n. 2, p. 17-30, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/383532944_Indigenous_Heritage_and_Ontological_Conflicts_in_the_Southcentral_Andes. Acesso em: 03 out. 2025.

RASTELI, Alessandro. Em busca de um conceito para a mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 1-21, jul./set. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/103240>. Acesso em: 03 out. 2025.

RODRÍGUEZ TEMIÑO, Ignacio. Sobre el patrimonio cultural. **Sphera Pública: Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación**, Murcia, n. esp. 10, p. 75–117, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4396245>. Acesso em: 03 out. 2025.

SANTOS JUNIOR, Avelar Araujo. As correlações entre os modelos hegemônicos de desenvolvimento territorial e as políticas públicas direcionadas aos povos indígenas. **Campo-Território: revista de geografia agrária, edição especial, [S.l.]**, v. 15, n. 39, p. 54-68, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/60238>. Acesso em: 03 out. 2025.

SCHEID, Guilherme; MATOS, Eloiza Aparecida Silva Avila de; CARMO, Julio Cesar Botega do. Educação patrimonial e educação não formal mediados por mobile learning. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 49, e133030, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/zK3tZgC9knfHJKg3XFhrGyg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 out. 2025.

SILVA, Elson Gomes da. **Os Tenetehara e seus rituais**: um estudo etnográfico na Terra Indígena Pindaré. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA, 2018.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. Práticas discursivas rituais pré-amazônicas: Festa do Moqueado da tribo Tenetehara/Guajajara. **Organon**, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/103356/0>. Acesso em: 03 out. 2025.

SOUSA, Ana Claudia Medeiros de *et al.*. Memória, identidade e mediação cultural: um descortinar da atuação do bibliotecário a partir das percepções freireanas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 28, n. 1, p. 1-16, jan./dez. 2023. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1890>. Acesso em: 03 out. 2025.

SOUZA, Angelo Marcos de. **Folia de Reis como Patrimônio Cultural Imaterial**: tradição e identidade em Porangatu (1960-2018). 2019. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019.

TRINDADE, Thaís Lima; OLIVEIRA, Joaquina Maria Batista de. Museu Magüta: o prógono museu indígena brasileiro e o patrimônio cultural indígena. **Logeion: Filosofia da Informação**,

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-16, e-7330, jul./dez. 2024. Disponível em:
<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/7330>. Acesso em: 03 out. 2025.

VENÂNCIO, José Luiz; VILAS-BÔAS, Loíze Raquel Santos Silva; COSTA, Renata Ferreira. Mediação cultural da informação: Museu de Arte Sacra de São Cristóvão – Sergipe. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ/IBICT, 2021. p. 1-9. Disponível em:
<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/640/302>. Acesso em: 03 out. 2025.